

# Última Flor

*Helton Timoteo*

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2023*

# PRIMEIRA PARTE

“Feliz serás e sábio terás sido se a morte,  
quando vier, não te puder tirar senão a vida.”  
**Francisco de Quevedo**



## FILOSOFAR É APRENDER A MORRER

O filósofo francês Montaigne, baseado no pensamento de Cícero, escreveu um texto muito interessante: *Que filosofar c'est apprendre a mourir*. Isto é: “*Que filosofar é aprender a morrer*”. O subtítulo do texto é “*Penser à la mort*”. Ou seja: “*Pensar na morte*”.

Segundo ele, devemos pensar o tempo todo na morte. Aparentemente, isso soa um tanto sombrio. Mas o que ele queria dizer é: pensando na morte, eu me preparo melhor para a vida, isto é, eu procuro viver mais intensamente e de uma forma mais generosa e atenciosa com quem está à minha volta.

Em outras palavras: não adianta lamentar as nossas perdas, quando nada mais podemos fazer pelo outro. A plena consciência da morte nos confere, concomitantemente, a plena consciência da vida.

Portanto, se eu tenho a plena consciência que um ente querido pode morrer a qualquer momento, a tendência é que eu valorize a cada instante a sua presença.

## AVISO PRÉVIO

O formalismo que pratico  
nada tem de desfile cívico,  
nem da falsa neutralidade  
(sem sangue, sem seiva, sem vida),  
feito uma pálida mentira  
roendo os ossos da verdade.

O formalismo que exercito  
por um lado é sacrifício;  
por outro, total liberdade;  
é como se fosse um canteiro,  
onde eu semeasse primeiro  
estaca, cerca, arame, grade;

onde eu semeasse, em seguida,  
pequenas sementes de brisa:  
sílabas, morfemas, palavras;  
feito eu semeasse no tempo,  
neste jardim feito de vento,  
estranha sintaxe de larvas.

## TRAMA

1

Não pertenço a nenhuma confraria.  
Arrasto, no vento, o meu ser disperso.  
Às vezes, minha luz, fundo, irradia.  
Às vezes, a sombra, que eu detesto.

Meu caminho, sozinho é que o trilho.  
Não me seduz nenhuma academia.  
Meus poemas se têm, acaso, brilho,  
é o brilho ofuscante da poesia.

2

Escrevo como quem tira de pedra,  
leite. Não, não firmo nenhum contrato.  
Meu poema é uma planta que medra,  
na lama, entre o concreto e o abstrato.

Se o seu substrato nada tem de anjo,  
não é por culpa do estranho formato  
da pálida vida a que me consagro,  
mas da inquietude em que me esbato.

3

Escrevo para vencer o cansaço,  
como um feto que à morte enfrenta,  
mas, depois de ter rompido o regaço,  
chora, sentindo falta da placenta.

Escrevo, enfim, para me manter vivo,  
em meio à reles condição humana;  
para me livrar da teia de vidro,  
enfim, que a vida vil às vezes trama.

## PÊNDULO

1

Hoje tenho oscilado  
entre depressão e surto:  
às vezes – boi cansado,  
às vezes – cão maluco.

Entre depressão e surto,  
tem uma zona morta,  
feito fosse um vulto  
fugindo porta afora,

feito fosse uma faca  
que o pescoço degola,  
feito fosse uma taça  
de vinho que transborda.

2

Hoje meu peito oscila  
entre solidão e pasmo,  
feito houvesse uma ilha  
na poça do marasmo.

Entre depressão e surto  
entre a euforia e o tédio,  
há como um viaduto  
atravessando um prédio,



## [+] Sobre o autor

Helton Timoteo foi um dos vencedores do Prêmio Internacional Off Flip de Literatura, com o poema Medo da Morte. Seu conto Os Olhos do Poeta foi um dos vencedores do XV Prêmio Literário da Fundação CEPERJ, em 2014, e finalista do Prêmio Internacional Pena de Ouro, em 2021, do qual também foi semifinalista, com o conto “Lídia” (um dos vencedores do Prêmio FEUC de Literatura em 2003). É detentor ainda de mais oito prêmios literários (conto, crônica e poesia).

Contato: *htimoteo@uol.com.br*

Instagram: *@heltontimoteo*

E-mail: *heltontimoteosilva@gmail.com*

LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Utopia Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em setembro de 2023.

---